

# A Filosofia pode ser ensinada?<sup>1</sup>

## Sobre o viver, o escutar, o prazer e outras dimensões do filosofar

Sérgio A. Sardi

Professor do Departamento de Filosofia da PUCRS. Doutor em Filosofia pela Unicamp/SP.  
sergioasardi@uol.com.br

### O silêncio

O refletir acerca do filosofar, do ensinar e do aprender deverá insinuar o próprio gesto indicado. E isso implica em uma narrativa, na leitura que possa fazer da minha própria experiência nesse sentido. Assim, antes de escrever, ao empreender essa leitura, devo buscar o silêncio que se põe ao nível de uma escuta primária.

O silenciar emana, reinstaura o ato de me perder... no indeterminado. Situo-me no silêncio... para reencontrar a tessitura da palavra, ao reconhecer o não-saber que está na raiz de minha condição, no acontecer de *minha vida*; o não-saber que faz – e desfaz – o sentido do meu próprio saber. Pois o estar vivo, o *viver*, em seus múltiplos meandros, oferece-se como pano-de-fundo que envolve cada um dos meus atos e precede a toda cognição; assim como é ao viver que ela remete. Não me refiro a qualquer definição possível do viver, mas a esse *acontecimento*, o qual o *lógos*<sup>2</sup> insiste em ocultar. E é no âmbito do acontecimento da vida que reconheço e, a um tempo, desconheço, a palavra-primeira, *viver*, verbo cuja ação rompe e repõe o gesto silencial. Observo, em vertigem, na escuta

---

<sup>1</sup> Publicado anteriormente: **A filosofia pode ser ensinada? Sobre o viver, o escutar, o prazer e outras dimensões do filosofar**. In: PIOVESAN et al (Org.). *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2002, p. 561-573. *Caderno Marista de Educação/Grupo de Trabalho em Educação da Província Marista de Porto Alegre, Porto Alegre/RS, Vol. 2, nº 2, Dezembro 2002, p. 108-120.*

<sup>2</sup> Conservo o termo *lógos* a fim de preservar a multiplicidade de sentidos implicados no mesmo, os quais coligem para o entendimento do problema. Dentre esses, destaco, para fins de elucidação: *razão, argumento, definição ou fórmula que expressa a essência natural de todas as coisas.*

a que me disponho, que o sentido das minhas palavras não está exclusivamente nas palavras... mas no silêncio de fundo a que elas remetem. Mas sequer o sentido do silêncio está exclusivamente no silêncio... Ao *falar* do silêncio, ele se desloca para mais além... ou aquém<sup>3</sup>. Mas talvez seja preferível sugerir, aqui, a imagem dos intervalos de uma textura musical...

Antes de mais nada, *antes* destas palavras, está o *acontecimento* da *minha* e de *nossas vidas*; antes do dizer *eu* ou do dizer *você*. Mas, se pretendo falar disso... devo retornar à escuta para observar o limite, a incompletude e, paradoxalmente, o sentido de tudo o que possa dizer, o qual se realiza tão somente no âmbito prefigurado por esse mesmo limite, por essa mesma incompletude. Mas, o que me diz a insuficiência da palavra? No decurso do tempo da *minha vida*, no *dizer* que me conduz ao sentido de *nossas vidas*, sou também esse ponto cego, que se situa à base da minha própria visão. Tensiono e tendo, entretanto, incessantemente, ao ocultamento de meu próprio ocultamento. Observo a pretensão totalitária a que isso pode me conduzir. Encontro, assim, na negação da cegueira, a primeira cegueira a ser ultrapassada.

O *viver*, como acontecimento que evoca o limite do *lógos*, bem como seu sentido outro, implica no reconhecimento da conexão entre conhecimento e condição<sup>4</sup> humana. Esse viés nos situa além, ou “de trás” da aparente obviedade que há ao dizermos que a linguagem é *humana*, que a Filosofia é *humana* e que a verdade, se ainda insistimos nesse termo, é, antes de mais nada, uma verdade *humana*<sup>5</sup>. Confiro, com isso, à minha narrativa, um sentido analógico, condição

---

<sup>3</sup> O silêncio, esta noção, parece sempre mais ampla que qualquer possibilidade de delimitação lingüística. O indicar, mesmo “ao longe”, o “lugar” onde ele se encontra, já retira o silêncio de seu espaço outro, e o reloca no inefável. Mas, nesse movimento, o silêncio “se diz”, ao se deslocar indica um *plus* de significação, embora um espaço de significação não-objetivável, mas profundamente *humana*.

<sup>4</sup> Como Hannah Arendt, sou levado a considerar, embora por motivos diversos, por se situarem em um outro contexto de problematização, que “a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana” (ARENDETT, Hannah. *A condição humana*. RJ: Forense-universitária, 1987, p. 17-18).

<sup>5</sup> E, assim, o que somos, bem como o que não sabemos que somos, é condição de sentido à noção que possamos fazer de *conhecimento*. Mas, pergunto: em que sentido pode ser *humana* uma razão transcendental, ou, por outro lado, que sentido uma razão transcendental traz à condição humana? E em que sentido a significação *humano* não deveria congrega em si,

pela qual posso reconhecer na narrativa do outro o mesmo “estado de excesso”<sup>6</sup>, por me referir não apenas no meu, mas no *nosso* silêncio. A palavra e o silêncio instauram, assim, um ato dialogal.

As significações que se apresentam desde o silêncio, ao dizer *humano* e ao dizer *viver*, contém um certo valor metafórico<sup>7</sup> que as deixa em aberto. O viver oferece-se, assim, como acesso ao que está aquém e além de toda possibilidade de ser dito quando o que é dito se oferece como um acesso ao viver. E, se me ponho a falar, se estou integralmente implicado em minha própria fala, o sentido do humano se apresenta como dimensão imanente do sentido do meu viver. Não se trata, aqui, tão somente de um trânsito recíproco entre esferas determinadas, mas de uma dinâmica não-quantificável, relativa à atitude que se põe ao princípio. Observo, com isso, o viés da palavra na palavra que guarda o silêncio, o caminho outro, a metamorfose. Esse aparente paradoxo, que me faz estar nas palavras

---

indissolúvelmente, a noção de uma diferença irreduzível, tendo em vista que deve ser predicado de *cada um?*

<sup>6</sup> “Mas o *Tudo é igual* e o *Tudo retorna* só podem ser ditos onde a extrema ponta da diferença é atingida. Uma mesma voz para o múltiplo de mil vias, um mesmo Oceano para todas as gotas, um só clamor do ser para todos os entes. Mas a condição de ter atingido, para cada ente, para cada gota e em cada via, o estado de excesso, isto é, a diferença que os desloca e os disfarça, e os faz retornar, girando sobre sua ponta móvel” (DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. RJ: Graal, 1988, p. 476).

<sup>7</sup> “A terminologia dos filósofos é cheia de metáforas. Kant cita muitos exemplos, todos relacionados com fundamentação e assentamento: ‘fundamento’ [*Grund*], ‘depende’ [*abhängen*], ‘resultar de’ [*fließen*] e, referindo-se a Locke, ‘substância’ “ (MAN, Paul de. *A epistemologia da metáfora*. In *Da metáfora*. SP: Educ, 1992, p. 31). Isso, no entanto, que em Kant, assim como em Locke e Rousseau, consiste em uma condição a ser ultrapassada, retorna em Bergson e Bachelard, por exemplo, com um valor distinto: a figuração metafórica, nesses casos, refere-se a uma condição indissociável do conhecimento humano. A possibilidade de conferirmos um valor *semântico* à metáfora relaciona-se ao problema de se poder estabelecer uma função epistemológica à imaginação, compreendida como “exposição figurativa de *relações*” (Cf. RICOUER, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In *Da metáfora*. SP: Educ, 1992, p. 151), da possibilidade da construção de sentidos onde a linguagem metafórica ou poética seja assumida como componente cognitivo: “a linguagem poética não diz menos *a respeito* da realidade do que qualquer outro uso da linguagem, mas refere-se a ela por meio de uma estratégia complexa que implica, como componente essencial, uma suspensão e, analogamente, uma anulação da referência comum ligada à linguagem descritiva. Essa suspensão, entretanto, é apenas a condição negativa de uma referência de segunda ordem, de uma referência indireta construída sobre as ruínas da referência direta. Essa referência é chamada de referência de segunda ordem apenas no que tange à prioridade da referência da linguagem comum. Pois, divergentemente, ela constitui a referência primordial até o ponto em que venha a sugerir, revelar, descobrir – ou qualquer que seja o termo – as estruturas profundas da realidade com as quais estamos relacionados como mortais que nascem neste mundo e vivem nele por um tempo determinado” (RICOUER, Paul. *op. cit.*, p. 154).

estando, simultaneamente, além, ou aquém das mesmas, me sugere a imagem de alguém que observa um abismo apoiado a uma plataforma segura, com as mãos bem firmes, de modo a poder suportar a vertigem do olhar... e a imagem me reconduz à minha condição de observador parcial de uma rede de relações em mutação processual, a cada estágio, a cada passo, a cada retorno ao princípio.

Busco empreender uma leitura e encontro, com isso, a narrativa de uma vida interior, ou ao menos uma dimensão dessa narrativa<sup>8</sup>.

## A escuta

Antes de buscar saber *o que é*<sup>9</sup> a Filosofia<sup>10</sup>, o filosofar ou o ensinar, remontamos a um acontecimento: o viver. E o viver, a significação *viver* se apresentou em um tempo de vida, correlativo à significação *humano*, ao me situar frente à significação *nós*<sup>11</sup>. Entre *eu* e *nós* elabora-se uma *narrativa*, um viés da própria linguagem, onde o dizer indica, nos intervalos, uma suspensão.

---

<sup>8</sup> A narrativa, enquanto recurso de argumentação, se deve a que eu estou implicado em meu próprio ato de dizer, o que torna o dizer, efetivamente, um ato.

<sup>9</sup> As múltiplas subquestões implicadas na pergunta que serve de título a este artigo (como: *o que é a Filosofia?* ou *o que é o ensinar?*) remetem a um caminho predeterminado. Ao perguntar *o que é a Filosofia?* ou *o que é o ensinar?* nos situaremos no contexto de um *lógos* que perpassa, desde a ontoepistemologia platônico-aristotélica, a história do Ocidente, e que pressupõe entidades determinadas e determináveis, as quais operam, enquanto termos de uma proposição, relações necessárias entre si, a serem fundamentalmente consideradas em termos de qualquer referência lingüístico-cognitiva. Na conexão entre *lógos* e razão, desde a perspectiva acima prefigurada, o conhecimento opera por reduzir a diferença à identidade, a multivocidade à univocidade. Embora a própria *forma* das questões indique uma relação historicamente constituída, uma tal perspectiva tende a permanecer oculta, pois, desde Platão, associamos a pergunta *o que é – tí estí –* à definibilidade, à constituição das essências, dos universais, ao que se conferiu o valor de *verdade*. Outro é o problema de sabermos em que sentido o filosofar remete à narrativa de um processo de vida, o que implica em ser ou buscar ser isso que a pergunta indica: *filósofo*, ou *filósofa*, a par de nossa condição *humana*, com todas as implicações que esse termo possa congrega.

<sup>10</sup> Delimitar o sentido de *Filosofia*, ou *ensino*, deveria incluir, ainda, a possibilidade de uma revisão crítica das condições históricas que cercam o entendimento do problema. A concepção – ou concepções – que fazemos de *Filosofia*, bem como de *ensino*, remetem a um sentido determinado sócio-politicamente, desde a dimensão institucional. Isso torna quase inevitável que o tratamento do mesmo incida, em termos de justificação ou crítica, sobre as relações entre a Filosofia, o ensino, a escola e a universidade.

<sup>11</sup> Se seguisse outro caminho em minha narrativa, o *viver* poderia indicar a noção de uma participação, poderia indicar algo mais que a *minha vida*, enquanto sou eu participante da mesma, dado minha corporeidade. Mas um tal constructo, nesse caso a noção de *participação*, ou corporeidade, nos oferece apenas um outro caminho possível, embora a tangenciar o problema

Retorno, com isso, ao tratamento da questão inicial: situo-me, então, em *escuta*, para que a significação da narrativa de outrem repercuta em meu próprio silêncio. Refiro-me não só à escuta, mas ao contínuo aprendizado da escuta, onde o convite ao diálogo recorre intermitentemente à sua dimensão silencial<sup>12</sup>.

Ao buscar, assim, reaprender o gesto ético-pedagógico da *escuta*, remontei às situações cotidianas de sala de aula, as quais indicavam não apenas o sentido em que o filosofar – ou aquilo que compreendo como *filosofar*, desde a minha própria experiência – participava das histórias pessoais de cada um que ali estava, mas que isso deveria estar relacionado ao sentido mesmo do filosofar e, com isso, da Filosofia. Não se trata, apenas, de que a fala de cada um, adulto ou criança, merecesse uma *escuta*. Mais que isso: era eu mesmo quem necessitava dessa escuta, dessa energia instaurada como prazer pela atividade da partilha, da atenção, do respeito que se põe em convergência, por uma atitude, anteriormente à qualquer divergência possível. Aprendi e, inúmeras vezes, reaprendi a escutar..., o respeito prévio às significações subjacentes, ao não-dito no viver de outrem, refletido em meu próprio viver; o envolvimento com o tempo da relação, em seu acontecer; a empatia do olhar. Desaprendi, entretanto, muitas vezes, a realizar o entrelaçamento entre a escuta do outro e a minha própria escuta. Desaprendi a ponto de quase não mais me reconhecer, para poder reaprender que era a vez do outro falar.

Em cada relato eu via emergir uma vida, dada como acontecimento prévio e subjacente em uma condição singular da qual, até certo ponto, buscava partilhar. Era essa a intenção de minha escuta: a escuta de uma *outra vida* que escuta a si

---

central; o *viver*, ele mesmo, permanece em aberto. O caminho que seguimos pertence, no entanto, a um momento anterior da reflexão: o *dizer* viver é ato correlativo da significação *nós*.

<sup>12</sup> Podemos observar, nesse contexto, como, em muitos diálogos platônicos, no qual o *Sofista* é um caso exemplar, interrupções no plano da argumentação dialógica remetem ao problema de saber se o interlocutor está acompanhando o pensamento, o raciocínio daquele que guia o diálogo. Em Platão, no entanto, a maior parte das vezes, o interlocutor é “guiado”, devendo reproduzir em seu diálogo interior (Cf. *Sof.*, 263e) cada passo dos nexos necessários da argumentação ao qual dá, ou não, assentimento. Há uma ordem determinada do ser e da linguagem a seguir, ou a buscar; mas é o pressuposto de uma ordem unívoca que repõe a multivocidade no âmbito de um método. Mas mesmo que a interioridade seja concebida primariamente em termos de sua dialogicidade – com as considerações críticas que poderíamos fazer a esse respeito, tendo em vista uma pretensa

mesma; a escuta do outro na escuta do meu próprio viver. E eu podia aprender e reaprender com essa escuta que buscava partilhar.

Detive-me no relato<sup>13</sup> de uma singular e complexa relação com o tempo, a transformação, a vida e a morte, observando, ao mesmo tempo, que o próprio relato estava muito além de qualquer observação que pudesse fazer a respeito do mesmo. Detive-me em narrativas que me aproximavam do *estranhamento*, da *admiração* platônico-aristotélica<sup>14</sup>, como de situações por mim vivenciadas. Detive-me nos problemas filosóficos indicados em outras<sup>15</sup>, encontrando ressonância, na

---

soberania do *lógos* sobre a *psyché* (alma) –, Platão deixa espaço a momentos de silêncio em sua obra, seja relativamente à Idéia do Bem, ou à morte de Sócrates, dentre outros.

<sup>13</sup> Quando tinha por volta de dez ou onze anos, vi uma foto minha de quando eu tinha três anos em um antigo álbum de família. Lembro que daquela vez a maneira como eu olhei para mim mesmo em uma fotografia me despertou uma certa inquietação e curiosidade. Olhei particularmente para minha mão. Era pequena: dedos pequenos, unhas pequenas. Olhei para minha mão segurando o álbum. Era maior, diferente. Meus dedos estavam mais alongados e finos, minhas unhas sujas de brincar na terra. Senti uma estranheza em pensar que aquela mãozinha que eu vira na foto era a mesma que segurava o álbum. Pensei em todos os lugares nos quais eu havia colocado minhas mãos desde o dia em que aquela foto havia sido tirada. Foi realmente uma coisa na qual eu nunca havia pensado. Eu havia segurado tantas coisas, abraçado tantas pessoas, sujado minhas mãos e as limpado tantas vezes. Comecei a pensar no tempo. Até hoje penso no tempo com afinco e parece que quanto mais eu penso nele mais ele me parece estranho e curioso. Pensei comigo, quando vi aquela foto, que eu já havia sido diferente e ainda haveria de mudar muitas outras vezes. Mas todas as vezes em que eu pudesse vir a mudar, seria sempre *eu*. Eu mesmo, mas diferente. E daí percebi que a minha vida ia ser assim até acabar: eu teria as mesmas mãos, as mesmas unhas de sempre, até que chegaria um ponto em que eu morreria, e daí não haveria como saber se tudo continuaria igual. Foi essa a primeira vez que eu expus para mim mesmo o mistério da morte: tudo aquilo que de jeito nenhum podia ser conhecido, por mais que se tentasse e por mais que se falasse, isso era a morte. Não lembro da pergunta exata que me fiz, acho que foi mais de uma; questionei-me: "onde será que eu vou parar?" Essa foi, resumidamente, a pergunta que me fiz. EDSON MACIEL (acadêmico – Pucrs).

<sup>14</sup> Os gregos denominaram *thaumátzein*, o que está aqui expresso nos termos *admiração* e *estranhamento*, o comportamento originante do filosofar (ARISTÓTELES. *Met.*, A, 2, 17-19; PLATÃO. *Teet.*, 155d).

<sup>15</sup> Uma das coisas que me deixou pensando, outro dia, foi um quadro-negro. Comecei a observar o quadro e, depois de olhar para a lousa por algum tempo, comecei a pensar por quê o vemos verde... O estranho foi que percebi que alguém determinou que ele deveria ser verde. Não o quadro propriamente dito, mas a cor. Como sabem que aquilo é *verde*, e não *vermelho*? Qual foi o critério para determinar o que é verde e o que é vermelho... e o que é preto? Parece loucura, mas alguém teve que determinar o que seria uma cor e o que seria outra. Pois bem, como este "alguém" fez isso? Aliás, não só a lousa da escola, mas tudo o que passa pela nossa frente também pode ser visto como um bom exemplo dessas indagações: será que tudo o que vemos realmente é o que achamos que é? VANDRO FERNANDES (acadêmico – Pucrs). Lembro de uma certa vez em que minha mãe preparava o almoço e disse que faria maionese para comermos. Eu devia ter uns 5 anos. Não sei por qual motivo resolvi me perguntar por que as coisas tinham os nomes que tinham. Ficava pensando nos outros nomes que elas podiam ter e por que será que eram chamadas assim. Ficava imaginando também quem teria nomeado tudo que conhecemos e por que escolheram esses nomes. ROBERTA DIEDRICH MADKE (acadêmica – Pucrs).



devida medida, com aqueles tratados no *Crátilo*, como no *Sofista*, de Platão. Observei a postura que se fazia subjacente à formulação; e isso abria lacunas na costumeira relação linear que tendia a fazer entre o *aprender* e o *ensinar*, bem como indicava um caminho outro à leitura, interpretação e compreensão dos textos clássicos. Detive-me em narrativas<sup>16</sup> de adultos acerca de eventos ocorridos na infância, os quais problematizavam a concepção que podia fazer de *criança*, como de *infância*. Observei, ainda, relações entre algumas das narrativas<sup>17</sup> e as minhas próprias experiências de infância; detive-me na

---

<sup>16</sup> Lembro-me bem, eu ali, ao pé da cama do Hospital Fêmina, em Porto Alegre, esperando "alguma coisa" vir para o quarto. As pessoas no local só falavam disso, esperavam ansiosas a tal "coisa" que chegaria a qualquer momento e eu nem sabia o porquê de eu estar ali. Queria mesmo era abraçar a minha mãe, que eu não via já há dois dias e que não estava com uma aparência muito boa, ali, deitada naquela cama, naquele lugar engraçado. A "coisa" chegou no colo de uma enfermeira. Meu pai me apresentou: "Mel, esta é a Vanessa, tua irmã". Como assim, "irmã"? Este era um conceito muito novo para mim. Tinha a mãe, o pai, os tios, os avós, os brinquedos, a TV, a comida e a bebida, alguns amigos... Mas nada de irmã. Não fazia idéia do que era, pois eu tinha apenas dois anos. Nisso a "multidão" que estava no quarto se voltou para a "coisa". Minha mãe a segurava no colo, fazendo caretas e mandando beijinhos, como ela fazia comigo, só comigo. Mas o que realmente me chamava atenção é que ninguém sequer ligava para a minha existência naquele momento. Era o momento da "coisa", e não o meu. Mas foram momentos memoráveis. Foi a primeira vez que notei que meus pais não me pertenciam, apenas estavam ao meu lado, e que percebi que o universo não era meu e sim que eu é que estava nele. Também notei que eu era como qualquer outra pessoa daquela sala e não mais nem menos importante. Foi triste, doloroso, engraçado, complexo... MELISSA VIEIRA SILVA (acadêmica – Pucrs). A experiência deve ter ocorrido lá pelos meus 6 anos. Foi na época em que assisti ao filme "O pequeno príncipe". Lembro, sem muita precisão, é verdade, de ver uma cena em que o pequeno príncipe está em cima de seu planeta com uma flor na mão, tendo o universo como pano de fundo. Era uma imagem fictícia de uma coisa infinita. A partir daí uma dúvida passou a me acompanhar, e durante toda a minha infância até hoje em dia, mais ou menos conscientemente, me pergunto: como o universo pode ser infinito? E se, por acaso, tem fim, o que existe depois dele? E se existe algo, esse algo finda e logo começa outro algo... assim, forma-se um círculo vicioso, sempre havendo algo depois do fim. Então, isso significa que não tem fim? Volto, então, à pergunta inicial: como algo pode não ter fim? CHARLENE CABRAL PINHEIRO (acadêmica – Pucrs).

<sup>17</sup> Um dia eu estava na praia, deitada na areia, tomando banho de sol. Eu estava sozinha, e já era de tardezinha. Na verdade, acho que adormeci e, quando acordei, me dei conta da mesma questão da Uia: quem sou eu? Mas naquele momento, diferentemente da Uia, eu não compartilhei essa questão com ninguém. Continuei ali, olhando o movimento das ondas, até anoitecer. A pergunta que eu me fazia era: quem sou eu? LAURIN MAIA WEBSTER (acadêmica – Pucrs). Numa certa manhã, acordei e fui até o banheiro. Lá peguei uma cadeira para conseguir sentar no balcão e me ver no espelho. Ao me acomodar, comecei a repetir várias vezes consecutivas o meu nome e o nome dos meus pais e, a partir de um certo momento, comecei a perguntar por que existem esses nomes, por que as pessoas tinham nomes diferentes e por que aquelas letrinhas formavam aquele nome. Perguntei a várias pessoas, mas ninguém me entendeu. Fiquei sem a explicação. Mas, aos poucos, fui esquecendo essa dúvida. ANA ZAHIA JUMA (acadêmica – Pucrs). Desde pequena sempre gostei de ficar olhando para o céu. Ficava imaginando como era longe e que existiam milhares de pessoas no mundo que estavam fazendo o mesmo que eu. Eu

singularidade de cada fenômeno que participava do estranhamento de *cada um*<sup>18</sup>. Detive-me em narrativas<sup>19</sup> que, como a minha, buscavam os sentidos do *viver*.

Encontrar-se na fala do outro, e perder-se... na escuta do fenômeno humano, desde a experiência partilhada de nos sabermos humanos; na escuta ética e pedagógica que convida ao diálogo, seja por uma via interrogativa ou não, que suscita o pensar, que aponta um caminho outro, e outro, desde novas relações, desde a desconstrução de relações previamente assumidas, primariamente em mim mesmo, desde a dimensão silencial da presença do outro. Nos aproximamos do outro ao nos distanciarmos de uma relação cristalizada com nós mesmos para, com isso, nos disponibilizarmos à relação; indicamos uma atitude ao tangenciar o mistério do nosso próprio viver, ao nos reconhecemos, como humanos, no centro do próprio mistério. Ao dialogar, há uma transparência possível no outro a ser acessada a partir própria transparência possível que há em mim mesmo, assim como há um ocultamento, e também esse deve ser escutado, deve ser respeitado como isso que é: ocultamento.

---

sentia uma sensação estranha, uma angústia que me fazia pensar: por que eu estava ali? Por que eu era *eu*? por que não era outra pessoa? MARIANA BOTTIN GONÇALVES (acadêmica – Pucrs).

<sup>18</sup> Uma vez minha família e eu fomos na casa de um parente que morava em um morro. Me lembro, como se fosse hoje, eu andando bem pertinho das nuvens. Meu pai perguntou se eu estava gostando, mas eu não escutava nada, fiquei lá só olhando as nuvens, cheia de dúvidas: para que serviam as nuvens? Para enfeitar o céu? Porque Deus morava nelas? Sei lá..., fiquei o tempo todo no pátio olhando as nuvens e tentando responder as inúmeras perguntas que me surgiam, e elas eram cada vez mais e mais estranhas, do tipo: Se Deus mora nas nuvens, como ele faz se chover? Será que a nuvem pode derreter? Foi bem engraçado, mas foi a situação de maior estranhamento da minha infância. PATRICIA HUGEN MARTINS (acadêmica – Pucrs).

<sup>19</sup> Uma coisa que eu acho bárbara é que um dia, de manhã cedo, eu acordei e fiquei pensando que o mundo, a nossa vida, era só um sonho, que nada disso que a minha consciência alcança seria real, e então, quando morrêssemos, acordaríamos e o mistério se desfaria. Aos onze, doze anos, eu pensava, pensava... Lembro de um dia em que meu irmão veio conversar e eu lhe disse que não podia ser naquele momento, pois eu estava pensando... FLÁVIA SCHRODER DARSKI (acadêmica – Unisinos). Certo dia eu estava sentada em minha cadeira, assistindo a uma aula muito monótona. Como acontecia na maioria das aulas, eu logo parei de prestar atenção ao que o professor estava falando e comecei a “viajar” em meus pensamentos. Pensava nas minhas primas, nas minhas amigas, e imaginava onde elas estariam e o que estariam fazendo naquele momento, enquanto eu me lembrava da existência delas. Esse pensamento me levou a uma reflexão: o momento que eu estou vivendo é único para mim, singular; e, enquanto eu estou nele, simultaneamente não só uma como várias, ou melhor, todas as pessoas do planeta estão, cada uma, vivendo o seu próprio e singular momento. Hoje em dia isso não me admira tanto, mas naquela época essa percepção era mágica para mim. JULIA FLECK MANGANELLI (acadêmica – Pucrs).



## O prazer

Faço apontamentos, quase diariamente, da escuta que realizo dos eventos que se produzem no cotidiano, ou melhor, de sua repercussão em meu viver. Esses, no entanto, apenas são aproveitados em textos ditos “acadêmicos” na medida em que, por motivos diversos, devo elaborá-los, por coincidirem casualmente com os motivos a serem considerados. Não é esse o seu sentido primeiro: tais fragmentos, quase sempre desordenados, superpostos, ou meros registros mnemônicos, estabelecem entre si, ao menos *para mim*, relações dinâmicas, em termos não só do jogo de significações que me situa na produtividade da vida cotidiana, mas no gesto lúdico, no brincar ao ritmo da voz que me diz... e desdiz. Escrevo por escrever, ou talvez para prender as idéias em um lugar no qual possa me desprender delas e começar de novo, pelo prazer do envolvimento, o que requer que eu possa me deixar ir ao encontro das mesmas por alguma “razão estética” do pensar. Considero que há, na arte, algo que se equipara ao tempo vivido apenas enquanto a própria arte é tempo vivido; tempo vivido como arte. E, ainda, a arte de assumir a responsabilidade sobre o tempo do próprio viver e, a cada instante, e sempre de novo, estar no ponto de partida. Talvez, nesse gesto, cuide apenas de preservar, com carinho, com o cuidado possível, a minha própria infância.

Mas há um momento em que estar nas palavras é simplesmente perder-se. Há um outro jogo envolvido na linguagem, o jogo vazio de uma retórica que se desprende da vida, quando a palavra, ela mesma, faz-se simulacro do *viver*, assume o seu lugar e reduz o acontecido ao conceito, às definições, à base de um radical esquecimento da escuta... mas não gostaria de falar desse jogo. Não gostaria, mas ele está tão arraigado à nossa tradição que talvez se torne inevitável que, vez ou outra, eu possa, ou possamos invocá-lo. Pois, como compreender a eticidade de nossas relações com a linguagem sem que isso nos conduza ao problema da estreita, quase indissolúvel conexão entre ética e *lógos*, em nossa tradição, bem como ao poder totalitário a que isso conduz? Há, no entanto, uma

eticidade que transparece na medida em que a minha voz interior requer a honestidade, a transparência possível do desejo de um encontro com a minha própria condição, mesmo através da insistência contra o velamento que se efetiva em sua pretensa apresentação, mesmo através de um enfrentamento<sup>20</sup>, rumo ao encontro da transparência possível do outro, dado o reconhecimento de sua diferença.

O que aprendi com meus mestres, muitas vezes nem mesmo eles sabiam que sabiam ou pretendiam ensinar. O que aprendi com a vida, com o viver, muito provavelmente nem eu mesmo pretendia aprender. O que ensinei, muito provavelmente deva estar além, ou aquém, ou simplesmente em outra direção com relação às minhas intenções. O que ensinei, muitas vezes não aprendi; e o que aprendi, muitas vezes não ensinei. Aprendi com a criança indígena que acariciava um animal; ensinei o transeunte que me observava? Aprendi com o tempo transfigurado na face de meu pai; ensinei minha filha com minha ausência, no inverno passado? Aprendi com as árvores e ensinei a mim mesmo, até aprender a des-a-prender. Aprendi, e tantas vezes reaprendi o sentido do meu próprio prazer, ao prender, ao trazer a mim, ao me surpreender, e ao me desprender, por me reencontrar.

Há muito mais entre o ensinar e o aprender que uma relação insípida e linear possa dar conta; há muito mais que as palavras possam dizer. O gesto unilateral que põe, de um lado, o ensinar e, de outro, o aprender, é míope com relação ao que mais importa: o inusitado, o encontro, o prazer que confere significações a um tempo de vida. Pois a transparência de uma relação está também naquilo que ela pretende ocultar, ou sequer percebe que oculta. Há sempre uma conexão a continuamente refazer, entre a vida do outro e a minha vida, um movimento dinâmico, dado a cada momento, em um mosaico sempre de novo incompleto onde miríades de significações são postas, depostas e repostas no tempo.

---

<sup>20</sup> Assumir a condição humana, em sua radicalidade, parece sempre requerer um esforço sobre-humano.

Só aprendi a filosofar por um envolvimento, por inventar e reinventar esse prazer. Só aprendi por prazer. Em um fragmento escrevi que a primeira medida do tempo é o tempo de *minha vida*. Em outro, que a primeira medida do tempo é o *agora*. Escrevi por escrever, por brincar de pensar, pelo ritmo que tais idéias instauravam ao *viver*, por prazer. Não pretendo “objetividade” nessas formulações, embora pretenda sentido. Filosofo pelo prazer da escuta cuidadosa do meu silêncio, ou da minha voz interior; ou pelo respeito à diferença, assumida simplesmente como diferença, sem mais nem menos “verdade”, do meu próprio pensar. Penso que devo também dar conta, no dia-a-dia, do ensinar/aprender por prazer, por meio e no contexto do prazer, da escuta e do respeito... pois considero que não se ensina a aprender se se ensina o que já se sabe, ou se pensa que sabe, ou seja, o resultado de um processo acabado; mas quando nos relacionamos produtiva e prazerosamente com o próprio aprender, a par de uma transparência que nos deixa ser o outro para o outro, de uma transparência assumida na atitude ética de nos sabermos, nós mesmos, diferentes, e de filosofarmos a partir de nossa diferença. Ao me assumir na diferença, posição que me possibilita *respeitar* – e não apenas *conviver com* – a diferença (do outro), ao assumir a relação primordial entre a palavra e o viver desde a narrativa de *minha vida*, talvez possa expressar a diferença nos *une* – e *distancia* – na diferença; talvez possa ensinar; talvez possa aprender... mas por prazer.

Mas, se relaciono o filosofar a uma vida interior, poderia perguntar: como falar do inefável? Qual o sentido, para o outro, daquilo que faz sentido para mim? Ou talvez, em direção oposta, a pergunta possa ser outra: como filosofar sem pressupor que há algo de inefável à base do meu próprio dizer? Ao dialogar pressuponho, no outro, a escuta e o respeito, sem requerer necessariamente “objetividade”, mas “conhecimento”<sup>21</sup>, desde a conexão mais profunda entre conhecimento e prazer, entre conhecimento e invenção do prazer, entre conhecimento e *viver*. Seria interessante, em função do problema apresentado,

---

<sup>21</sup> Coloco os termos entre aspas, pois, nesse ponto, devo reconstruir a significação *objetividade*, assim como *conhecimento*. Isso, no entanto, me conduz a um outro contexto de relações que

observarmos como, em nossa tradição, a interioridade foi esquecida em função de uma "ciência objetiva", império único da "verdade"; ou relevada a um segundo plano em função de uma intersubjetividade que se destacou da *minha*, da *sua* vida, da idiosincrasia, do que nos faz ser únicos. Deixo, no entanto, esse problema "entre parênteses", para retornar à ele em outro momento<sup>22</sup>.

Concluo observando que o pensar surge na diferença, não na repetição mecânica; que o pensar não é uma habilidade ou competência, embora as habilidades e competências surjam no contexto do pensar; que o pensar não tem um método, embora constitua seus métodos, e que o ensinar e/ou o aprender a pensar não tem método, embora possa se valer de um ou outro método. Permaneço na escuta da aventura da gestação da singularidade em cada narrativa, da potência, em *cada um* e em *todos nós*, de significar e ressignificar o silêncio de fundo, o *viver*, pela palavra, ao significar e ressignificar a palavra no silêncio.

## Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1987.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Madrid: Gredos, 1970.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- KOHAN, Walter Omar & KENNEDY, David. (Orgs.) *Filosofia e infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MAN, Paul de. A epistemologia da metáfora. In: *Da metáfora*. SP: Educ, 1992.

---

romperiam com a ordem de exposição deste texto, mesmo que a sua ordem de elaboração tenha sido bem diversa.

<sup>22</sup> O problema histórico que se põe consiste, no meu entender, em saber como, dada uma das perspectivas, compreender a outra: desde a interioridade, considerada de modo exclusivo, a objetividade, como tal, equivale ao não-ser; e, desde a objetividade, desde a razão categorial, *cada um*, cada indivíduo é, por sua vez, subsumido na universalidade (e, como tal, dissolvido no não-ser). Os projetos de Fichte, o qual põe a autoconsciência no princípio da ciência, assim como o de Kant, ao delimitar a estrutura categorial de uma razão transcendental, acabam por subsumir a individualidade em um "sistema objetivo da razão". Talvez devêssemos considerar mais amplamente a hipótese de uma razão que não apenas se efetivou, mas que se impôs na história, em função de um conhecimento que deveria prever e, com isso, dominar, sendo capaz de realizar um mundo tecnologicamente humanizado a partir de uma ciência portadora de um conhecimento objetivamente quantificável.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

PAVIANI, Jayme. *Filosofia e método em Platão*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

PLATÃO. *Oeuvres Complètes*. Ed. Guillaume Budé: Paris, 1952.

RICOUER, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: *Da metáfora*. São Paulo: Educ, 1992.